Apoio:

terra

Patrocínio:

Bradesco

Realização:

virtualbooks on line

O INVENTOR INTELIGENTE

O INVENTOR INTELIGENTE

Num profundo bosque, no ponto onde Ásia e Europa se juntam, viviam, há muito, muito tempo, três irmãos e uma irmã.
Pertenciam a uma raça muito estranha. Nunca se havia conhecido ninguém parecido com eles, porque não eram seres humanos, e sim terríveis duendes.
Os irmãos se chamavam Cospe-Fogo, Relâmpago-Veloz, Fala-Longe, e a irmã, Olhos-Brilhantes. Seus nomes correspondiam as suas qualidades.
Cospe-Fogo, o mais velho, era um gigantão selvagem, que dia e noite só fazia soltar chamas e fumaça pela boca. Fazia isto com tamanha força, que em sua volta tudo voava, e ninguém se atrevia a chegar perto dele. Sua alimentação consistia exclusivamente em carvão de pedra e troncos de árvores.
Relâmpago-Veloz tinha, em vez de pernas, dois raios ardentes, que terminavam em rodas. Estendia por toda parte fortes arames, e sobre eles movia-se com tanta rapidez que nenhum animal da terra nem pássaro do céu podia competir em velocidade com ele. Num minuto era capaz de dar a volta ao mundo inteiro, e regressar de novo ao seu bosque.
Fala-Longe era um estranho anão, que possuía uma habilidade maravilhosa: era capaz de emitir

qualquer um dos sons que se ouvem sobre a terra. Podia imitar as vozes dos homens e a dos animais. A pessoa pensava que estava ouvindo um amigo, ou um parente, mas não; era Fala-Longe que os imitava. Além disto podia fazer sua voz chegar aos lugares mais afastados do mundo; de modo que, mesmo estando do outro lado do globo, ele se fazia ouvir perfeitamente por quem quisesse.

A irmã, Olhos-Brilhantes, era uma moça de pernas curtas e de olhos que pareciam duas chamas. Daqueles olhos brotavam uma luz que iluminava toda a região, como se fosse um fogo mágico. Mas, se ela voltasse as suas pupilas para um ser humano, este ficava completamente cego.

Assim eram os quatro duendes. Viviam juntos, um ajudava o outro com grande fidelidade, e por isso podiam fazer tudo o que desejavam.

Mas o comportamento deles era sempre ruim, e prejudicavam as criaturas boas.

Cospe-Fogo, servindo-se do seu hálito abrasador, se divertia fazendo voar as pessoas e os animais que encontrava. Quando as suas infelizes vítimas caíam, se machucavam muito, quebrando uma perna ou um braço, e chorando de dor.

Relâmpago-Veloz, com suas pernas cintilantes, voava de um lado do mundo para outro, roubando tudo o que encontrava, e antes que alguém pudesse dizer “Jesus!”, ele já estava de volta ao seu bosque, com o que havia saqueado.

Fala-Longe praticava outra espécie de maldades: torturava miseravelmente os pobres que viviam perto de seu refúgio. Sentava-se junto do fogo e dali falava com os outros. Enganava-os imitando a

voz de algum amigo ou de algum parente.
Certa vez duas crianças estavam sentadas a porta de sua casa, esperando os pais. De repente ouviram a voz do pai, que dizia:
- Filhinhos, venham até o bosque. Fiz para voces uma grande torta, e poderão comê-la esta noite. Venham depressa, porque tenho de ir e não posso perder tempo!
Alegremente as crianças correram para o bosque, mas nele não encontraram nenhuma torta! Porque não era o papai quem estava chamando, era o Fala-Longe, que as fez afastarem-se de sua casa, e deixou que os lobos as comessem, de modo que as pobres criancinhas nunca mais puderam voltar para casa!
Estas e muitas outras coisas ruins fez Fala- Longe, até que todo o mundo se aborreceu com ele.
Olhos-Brilhantes se comportava tão mal quanto seus três irmãos, pois seu coração, assim como os deles, só guardava ódio. Com seus olhos de fogo ela atraía os viajantes, durante a noite, para os pantanos, onde os infelizes se afogavam miseravelmente.
Por fim, os seres humanos resolveram declarar guerra aos quatro monstros e expulsá-los daquela terra, para que não continuassem a prejudicar os outros.
Chefiados pelo seu Rei, marcharam para o escuro bosque. Quando chegaram junto dele, cercaram-no, para não deixar que os quatro duendes escapassem. Só um pequeno grupo, enviado pelo soberano, entrou na selva, disposto a prende-los. Mas os duendes sabiam perfeitamente o pe-

rigo que os ameaçava, e prepararam tudo para vencer seus inimigos.
Relâmpago-Veloz esticou seus arames por todo o bosque e começou a correr por eles, com as rodinhas que lhe serviam de pés. Aqui fazia cair um guerreiro, ali esmagava outro. Mas sempre que alguém pretendia segurá-lo, desaparecia num abrir e fechar de olhos. Os soldados berravam enfurecidos.
De repente os que cercavam o bosque ouviram surgir do meio dos árvores a voz do Rei:
- Fujam todos, e salve-se quem puder! Estamos perdidos!
Mas não era o Rei, era Fala-Longe, que imitava a voz dele!
Ao ouvi-la, os guerreiros que estavam fora do bosque fugiram para as suas casas. Dentro da floresta só ficaram o monarca e os poucos que o seguiam. Naquele momento se dirigiam para uma luz que parecia brilhar no horizonte, e não sabiam que aquela luz era a das pupilas de Olhos-Brilhantes, que os atraía para o lugar onde o terrível Cospe-Fogo estava escondido.
Mal chegaram ali os soldados e o Rei, um furacão abrasador os levantou na direção do céu.
No fim de muito tempo eles caíram ao chão, queimados e em pedaços. Não regressou um só, nem mesmo o Rei, do campo de batalha.
0 povo chorou muito a morte do seu soberano e desistiu de lutar contra os duendes, convencido de que não adiantava fazer nada contra eles.
Mas naquela terra vivia um rapaz de cabelos vermelhos, e muito desembaraçado, cujo cérebro

estava sempre trabalhando. De seus olhos se desprendia inteligência, sabedoria e bondade. Seu nome era Inventor.
Um dia ele se apresentou aos seus concidadãos e disse:
- Deixem-me ir sozinho ao bosque, porque tenho a certeza de que derrotarei os monstros.
Apesar de sua dor, o povo não pode deixar de rir, e todos responderam:
- Os duendes já fizeram muitas vítimas, entre nós. Tu és muito inteligente e muito útil, para morreres.
E os pais dele, com seus corações cheios de tristeza ao ouvirem o que ele falava, disseram:
- Fica aqui conosco, filho querido! Temos de suportar esses duendes tal como suportamos os Terremotos e o vento, a considerá-los um castigo divino.
A noiva dele se prendeu ao seu braço e sussurrou:
- Não me abandones, Inventor! Que nos importam os monstros? Nós queremos é ser felizes em nosso lar, onde ninguém nos fará mal!
- Não! - exclamou o moço. - É uma covardia e uma vergonha nos conformarmos deste modo com o mal e a crueldade! Tu talvez possas suportá-los, mas eu não! Prefiro atirar-me do campanário mais alto que houver, e acabar assim com minha vida, pois prefiro a morte a desonra!
Quando o ouviram falar e perceberam que sua decisão era mesmo firme, todos consentiram em que ele fosse ao bosque. Assim, em meio do pranto e dos lamentos de todo o povo, Inventor começou sua viagem. Carregou com ele um saco cheio de lã muito fina, uns óculos pretos, um rolo de arame e

quatro cordas.
Quando se aproximou do bosque, embrulhou - se todo na lã e colocou duas bolinhas dela nos ouvidos. Depois, valentemente, penetrou no selva. Dali a pouco apareceu na sua frente o terrível Cospe-Fogo.
O monstro soltou ruidosa gargalhada, e uma nuvem de fumaça lhe brotou da boca. O rapaz viu-se arremessado ao ar como uma flecha. Mas quando caiu não se machucou nem um pouco, porque a lã lhe serviu de colchão. O único dano que sofreu foi ficar um pouco moreno, por causa do fogo.
Continuou no chão e fingiu que estava morto, pois achou que era a coisa melhor que podia fazer. O duende o examinou por todos os lados.
- Como ficaste tostadinho, ser humano! - exclamou ele. - Vou descansar um pouco, e depois te levo para a minha irmã, para que sirvas de jantar. Quanto a mim, mesmo que sejas muito bem temperado, não me apeteces. Prefiro carvão de pedra!
Meteu a mão no bolso e a tirou cheia de carvão negro, que levou a boca. Até muito longe podia-se ouvir o monstro mastigar a antracite e a hulha. Quando acabou de comer, caiu no chão e dali a poucos minutos roncava ruidosamente, enchendo de ecos todo o bosque.
Com grande cuidado, Inventor tirou a lã que o envolvia, se aproximou do monstro adormecido e lhe encheu a boca com grossas bolas de lã, de modo que seu hálito não pudesse sair; depois, com uma das cordas, amarrou-lhe os pés e as mãos, caminhando em seguida para o interior do bosque.

Quando Cospe-Fogo acordou, viu-se amarrado e com a boca cheia de lã. Então se torceu todo, tentando soltar-se, chocou-se com as árvores e os rochedos, fazendo um estrondo ensurdecedor.
Fala-Longe quis correr em socorro do irmão e, de repente, a voz do pai de Inventor disse a este:
- Volta depressa para casa, meu filho! Tua mãe está morrendo! Ela quer ver-te antes de fechar os olhos para sempre! Não percas nem um segundo, senão nunca mais a verás viva!
E a voz da noiva do Inventor murmurou:
- Acorde-me, meu amado! Estão me raptando! Vem salvar-me, senão estou perdido!
Mas o rapaz continuou alegremente seu caminho, porque não podia ouvir nada! As bolas de lã que lhe tapavam os ouvidos não deixavam penetrar nenhum som.
Por fim chegou a cabana onde vivia Fala-Longe, que estava tremendo de medo.
- Estás seguro, malvado! - gritou Inventor. Puxou a segunda corda e num minuto amarrou a uma mesa Fala-Longe, que não pode mais fazer o menor movimento.
Naquele instante brilhou uma luz a distância e o iluminou em cheio. Rápido como uma faísca, Inventor voltou a cabeça para outro lado, tirou do bolso os óculos escuros e as colocou. Depois se dirigiu para a luz. Quando a alcançou, estendeu a mão e agarrou com força a irmã dos duendes.
Olhos-Brilhantes lutou em vão. Inventor a levou até um carvalho, virou o rosto dela para o tronco, e amarrou-a com a terceira corda.
Em seguida se preparou para segurar Relâmpago-

Veloz, o último duende.
Este se achava num país distante, roubando tudo o que encontrava por onde passava. Inventor prendeu seu rolo de arame naquele que Relâmpago-Veloz estava usando naquela ocasião, para deslizar, e o levou até um charco. Depois se escondeu entre os arbustos e esperou.
Súbito chegou assobiando o duende. Junto de sua casa percebeu, com grande surpresa, que o arame seguia outra direção, mas antes de voltar a si do assombro, e devido a rapidez de sua marcha, se viu dentro d’água.
Inventor saiu depressa do seu esconderijo e gritou: Duende perverso! Queres render-te? Se não o fizeres virão os seres humanos e te matarão, com suas lanças e espadas!
Relâmpago-Veloz compreendeu que não havia salvação possível, e, submissamente, estendeu as mãos e os pés, que Inventor amarrou com a quarta corda. Feito isto, o rapaz foi embora, deixando o prisioneiro dentro d’água.
Voltou para o povoado e anunciou a todos que por fim estavam livres das terríveis criaturas.
Todos ficaram muito contentes e o nomearam seu herói e seu libertador. Em seguida correram ao bosque, com espadas e mosquetes, a fim de matarem os inimigos. Mas Inventor os fez parar: ergueu mais a cabeça e em seus olhos brilhou a luz da sabedoria.
- Não, - ordenou - não os assassinem, embora eu reconheça que eles merecem mil vezes a morte. Mas não vão pagar seus crimes com a morte, e sim com uma eterna escravidão! Eles torturaram as

criaturas humanas; pois bem: de agora em diante lhes serão úteis. Vão trabalhar para os homens, e ser úteis com sua força.

- Como podem esses monstros ser de alguma utilidade para nós? - perguntou o povo.

- Podem deixá-los comigo, e lhes mostrarei. Mas antes metam numa carroça os prisioneiros e tragam-nos para o cárcere da cidade.

Eles assim fizeram, e todos esperaram impacientes o resultado das experiências de Inventor. Dia e noite se escutava em sua oficina o bater do martelo na bigorna, o ranger da serra, o chiar da lima e o zumbir da perfuratriz.

Um dia Inventor reuniu seus concidadãos na ampla praça defronte de sua casa.

- Tragam os prisioneiros - ordenou.

Guerreiros armados foram buscá-los. Enquanto isto ele abriu de par em par as portas de sua oficina, e seus aprendizes tiraram de 1á quatro estranhos objetos.

O primeiro foi um caixão de carvalho, cheio de enfeites dourados, parafusos e pregos de diversas cores. Dele saía uma espécie de buzina preta, e de um lado se via pendurado a um gancho um tubo que parecia de ébano.

- Dentro deste caixão colocaremos o malvado Fala-Longe - explicou Inventor. - Daqui por diante ele imitará a voz que qualquer pessoa desejar ouvir, por muito longe que ela esteja. Este aparelho será batizado com o nome de "Telefone"!

- Aqui temos outra caixa feita de madeira branca de á1amo, e cheia de arame de cobre. De hoje em diante Relâmpago-Veloz viverá dentro dela, e

quando lhe ordenarem ele sairá correndo pelos arames que esticaremos de uma cidade para outra, de uma ponta do globo a outra, através dos oceanos e ultrapassando as montanhas, e levará minhas mensagens e entregará minhas ordens. Vamos chamá-lo de “Telegrafo”!

- Para ti, Olhos-Brilhantes, eu tenho esta jaula de vidro. Daqui por diante esta será tua casa. Sempre que alguém apertar este botão preto, tu abrirás os olhos e darás luz aos seres humanos, a fim de que suas ruas e suas casas não fiquem mais no escuro. E tu chamarás “Luz Elétrica”.

- Agora é a tua vez, Cospe-Fogo. A tua tarefa será muito maior. Aprendizes, tragam-me a outra caixa.

Os aprendizes tiraram da oficina um enorme engenho de ferro, com rodas, engrenagens e uma enorme chaminé.

- Entra aí, Cospe-Fogo! - ordenou Inventor. - Agora solta o vapor com todas as suas forças, e assim minha máquina se moverá. Depois prenderei a ela os vagões, onde as pessoas poderão entrar e viajar por todo o mundo, graças ao vapor e a fumaça. Tu te chamarás “Locomotiva a vapor”, e se trabalhares bem e cumprires com tua obrigação, receberás para comer todo o carvão que quiseres. E agora, quem vai viajar de trem? Vamos, subam todos!

- Muito bem! - gritou o povo, prorrompendo em aplausos ao inteligente Inventor, que havia transformado os malvados duendes em coisas úteis para a humanidade!

FIM